

---

## O perfil do jornalista das periferias de São Paulo: resultados iniciais<sup>1</sup>

Cláudia Nonato<sup>2</sup>  
FIAM-FAAM Centro Universitário

**Resumo:** Este artigo apresenta os resultados da etapa quantitativa da pesquisa *A produção de notícias a partir das periferias de São Paulo: perfil, rotinas e novas configurações do trabalho jornalístico*, com o objetivo de investigar o perfil dos jornalistas que produzem informação a partir e sobre a periferia de São Paulo em novos arranjos econômicos alternativos. Para isso, faz uma breve reflexão sobre as aproximações e diferenças entre jornalismo local, comunitário, contra hegemônico e periférico e apresenta a metodologia adotada para a pesquisa. Como resultados iniciais, verificamos que os jornalistas são jovens, estão há pouco mais de cinco anos na profissão e não apresentam uma opinião clara a respeito do conceito de jornalismo periférico.

**Palavras-chave:** jornalistas, arranjos econômicos alternativos, periferias de São Paulo, jornalismo periférico.

### Introdução

As transformações no jornalismo têm sido abordadas nos últimos anos a partir de diversos âmbitos de pesquisa. Do ponto de vista do trabalho, verificamos que a reestruturação produtiva das últimas décadas flexibilizou as relações trabalhistas, reduziu os direitos sociais e ampliou o desemprego (Antunes, 2009), entre outras mudanças estruturais do jornalismo (Pereira e Adghirni, 2011). Tais fatores acentuaram a insegurança do profissional e trouxeram à tona novas e diferentes formas de precarização, disfarçadas sob nomes como “cooperativismo”, “empreendedorismo”, “trabalho inovador e criativo”, entre outros. A tecnologia trouxe também novidades para os profissionais, que têm a oportunidade de produzir e divulgar conteúdo jornalístico pelas redes, sem a intervenção de um grande grupo de comunicação; ao mesmo tempo, abre-se uma infinidade de novos cargos e funções que extrapolam as fronteiras das redações (Mick, 2015). Mas não há lugar para todos. Sobretudo, para os menos privilegiados.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, professora do Mestrado Profissional em Jornalismo do FIAM-FAAM Centro Universitário e Pesquisadora do CPCT/ECA-USP.

---

É por conta desse cenário que surgem iniciativas jornalísticas criadas por profissionais que se apropriam do seu conhecimento e experiência para desenvolver e circular conteúdo noticioso, autodenominado como alternativo, independente e/ou contra hegemônico. São arranjos econômicos alternativos (Nonato, Pachi Filho e Figaro, 2018, p. 104), “uma possibilidade de arranjar, organizar o trabalho de forma alternativa e independente dos conglomerados de mídia”. Para os autores,

A intenção é destacar a possibilidade de que micro e pequenas empresas, organizações não governamentais, organizações da sociedade civil, coletivos e outros grupos de trabalhadores da comunicação e do jornalismo possam representar efetiva alternativa de trabalho (empregabilidade) e de produção de um serviço de qualidade por seus vínculos e compromissos com a democratização dos meios de comunicação (NONATO, PACHI FILHO e FIGARO, 2018, p. 104).

Esses arranjos se utilizam de práticas como *crowdfunding* e o colaborativismo como formas de sustentação econômica (Nonato, 2015). Além disso, inúmeras instituições de interesse privado (universidades, fundações, bancos, conglomerados de mídia), acompanham e incentivam financeiramente algumas dessas iniciativas, fato que demonstra o potencial e a importância desses grupos.

### **A periferia que nunca dorme**

A periferia não ficou de fora dessa busca por novas alternativas. Vale lembrar que, diante do monopólio que caracteriza a grande mídia brasileira, existe um silenciamento em relação a temáticas que não estão no foco de interesse de grandes grupos. O Projor – Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo – desenvolveu, em parceria com o Volt Data Lab o “Atlas da Notícia”<sup>3</sup>, levantamento inédito com base em jornalismo de dados sobre a presença ou ausência da imprensa em todo o território nacional. Os dados mostraram que existem “desertos de notícias, ou seja, aproximadamente 4.500 municípios no país sem jornais ou sites de notícias no Brasil. Esses números representam, segundo a pesquisa, mais de 70 milhões de habitantes sem nenhum veículo de notícias.

As periferias são parte desse deserto, embora reúnam uma significativa parte da população brasileira e influenciem historicamente comportamentos e movimentos

---

<sup>3</sup> Disponível em <https://www.atlas.jor.br/> acesso em 09 de jul. de 2018.

culturais que acabam sendo apropriados pela classe dominante. Há algum tempo é visível o crescente movimento de valorização das periferias, a partir da emergência de movimentos culturais e coletivos, preocupados sobretudo com questões relacionadas à diversidade social, racial e de gêneros, entre outras. E a comunicação é parte desse processo.

Segundo Giselle Tanaka (2006, p. 21), o termo periferia “é obra coletiva que foi sendo materialmente construída à margem dos processos formais de produção da cidade regulados pelo Estado”. Para os jornalistas que nascem e vivem nas periferias, a situação também é difícil, pois além da escassez estrutural (em educação, saúde, segurança e cultura, entre tantas outras), são raros os veículos de comunicação locais e as oportunidades de emprego na grande mídia, sobretudo pela falta de representatividade nas próprias redações. É diante desse cenário que surgem, nos últimos anos, arranjos jornalísticos formados por jovens periféricos que se preocuparam em atender ao seu próprio público.

A pesquisa *A produção de notícias a partir das periferias de São Paulo: perfil, rotinas e novas configurações do trabalho jornalístico* investiga o perfil dos jornalistas que produzem informação a partir e sobre as periferias de São Paulo; procura responder perguntas que estão alinhadas ao objetivo geral e estão enunciadas da seguinte forma: a) Por que está surgindo uma comunicação voltada para/das periferias? b) Qual é o objetivo de jornalistas que optaram em trabalhar com jornalismo das periferias? c) Como essas iniciativas se sustentam? Qual o retorno que esperam?

Diante disso, este artigo apresenta os resultados da primeira etapa (quantitativa) da pesquisa, a partir de uma breve reflexão sobre as diferenças entre jornalismo local, comunitário, contra hegemônico e periférico e a descrição da metodologia adotada para a pesquisa.

### **Comunitário, local, contra hegemônico ou periférico: de qual jornalismo falamos?**

Em um trabalho de fôlego sobre geografias de mídia local e regional do Brasil, Sonia Aguiar (2016, p. 17) afirma que há uma “imprecisão conceitual detectada na literatura que embasa este estudo”. Segundo a autora, durante a sua pesquisa, feita a partir dos títulos e resumos de 908 artigos, foram encontradas 34 expressões diferentes, agrupadas em “local, interior, regional e local-regional” (p.18). O periférico estaria

---

enquadrado no último grupo, “local-regional”, considerado por Aguiar como o mais complexo, por envolver escalas variáveis ou híbridas, conforme o contexto” (p. 19).

Um primeiro olhar voltado para essa comunicação que surge da periferia remete ao que alguns teóricos chamam de “jornalismo local” ou “jornalismo comunitário”, considerados como publicações “mais comprometidas socialmente” (Dornelles, 2008; Peruzzo, 2009). Houve, segundo as autoras, uma valorização do local e do regional nos anos 1990, por conta do comprometimento dos jornalistas e por ter sido um período em que o ambiente político, econômico e social era propício. Embora semelhantes, os veículos comunitários e local possuem diferenças e especificidades:

Porém, segundo identificou, a tendência maior é que a mídia local se ocupe de assuntos mais gerais (das vias públicas, tragédias, violência urbana, tráfico de drogas, política local, serviços públicos, problemas da cidade, culinária regional, etc.), enquanto os meios comunitários trabalham principalmente com pautas de interesse mais específico de segmentos sociais (assuntos dos bairros, do trabalho, dos movimentos sociais, questões de violência, esclarecimentos quanto aos perigos relacionados às drogas e outras problemáticas de segmentos sociais excluídos). O primeiro tipo de mídia, visa mais a transmissão da informação e o segundo a mobilização social e a educação informal. (DORNELLES, 2009, p 163)

Em comum, há o fato de ambos tratarem de temas e conteúdos voltados para a comunidade, aos cidadãos locais, e envolvidos no processo de emancipação dos moradores. A mesma abordagem é feita pela chamada comunicação feita a partir das periferias, que aposta no jornalismo feito “de dentro” da comunidade, ou seja, da vivência daqueles moradores, que estão inseridos naquela realidade. Cansados de ver suas comunidades retratadas pela mídia tradicional de forma parcial e muitas vezes preconceituosa, jovens têm aproveitado as potencialidades das mídias digitais para produzir eles mesmos o jornalismo que representa sua vida cotidiana. Observa-se, em alguns casos, que os jornalistas atuam como educadores, ou seja, preparam os jovens para utilizarem adequadamente recursos da comunicação, como instrumentos de expressão da cidadania.

João Paulo Malerba (2014) propõe um entendimento das mídias popular, alternativa ou comunitária como contra hegemônica, numa perspectiva gramsciana. Para ele, o surgimento das mídias comunitárias está ligado à luta de atores sociais coletivos na busca por um consenso mais favorável às classes subalternas.

Como sabemos, as mídias ditas populares, alternativas ou comunitárias normalmente partem da iniciativa de um grupo socialmente desfavorecido que busca seu fortalecimento enquanto corpo coletivo e vê na comunicação uma poderosa ferramenta de articulação e mobilização social. O veículo passa a ser então um *novo local de poder* que, além de não estar imune aos inevitáveis conflitos internos, passa a disputar com outras instâncias de poder, procurando agenciar suas próprias demandas e forçar um novo consenso, mais favorável ao corpo coletivo do qual faz parte. (MALERBA, 2014, p. 9)

Ao pesquisar sobre a comunicação que vem sendo feita há alguns anos no interior das favelas do Rio de Janeiro, Felix, Fragoso e Costa (2017) destacam as formas híbridas de produzir comunicação. Para os autores, o popular e o comunitário não se confundem e não estão em lados opostos, mas apresentam características inovadoras, como “autonomia de grupos políticos ou institucionais, produção colaborativa, utilização de materiais e expressões do cotidiano (textos, imagens, “entulhos”) e linguagem georreferenciada” (2017, p.101).

Além das características apresentadas por esses gêneros jornalísticos, vale acrescentar que o jornalismo produzido nas periferias apresenta fortes componentes críticos e identitários.

A experiência social compartilhada do sentir-se periférico é fundamentalmente urbana. Morar na periferia se contrapõe a habitar regiões mais bem estruturadas da cidade e com melhor poder aquisitivo. É possuir uma experiência urbana calcada fundamentalmente na segregação socioespacial, com grandes deslocamentos pela cidade no trajeto trabalhonoradia ou mesmo quando da procura de serviços somente oferecidos em bairros melhor estruturados. Esta experiência de segregação socioespacial, marcada fundamentalmente pelo deslocamento na cidade, pode se erigir por meio da utilização do automóvel e de uma rotina de trânsito, mas na maioria dos casos se expressa na utilização de transportes públicos, com certo nível de precarização e ratificador das grandes distâncias com a qual se estrutura a urbe paulistana. Tal experiência compartilhada de percepção da urbe também se expressa nas dificuldades no mercado laboral, no acesso a serviços públicos de qualidade, nas opções de lazer e cultura distribuídas de maneira desigual pela cidade. (D’ANDREA, 2013, p. 139).

---

Em sua pesquisa de doutorado sobre os sujeitos periféricos, Tiarajú Pablo D’andrea (2013) afirma que o termo periferia mudou de significados ao longo do tempo. Começou na academia, com os intelectuais das ciências sociais aplicadas; mas toma outro sentido a partir da década de 1990, com o lançamento do álbum *Raio X Brasil*, do grupo Racionais MC. Para ele, a partir desse momento o termo passa a ter um forte componente crítico e passa a ser publicizado pelos próprios moradores, cujo atributo se impôs enquanto “categoria identificatória”. E “passa a ser utilizado em larga escala pelo próprio morador da periferia, fundamentalmente por jovens e negros, mas não só, é importante salientar” (p. 142).

Ainda segundo o autor, do hip-hop o termo periferia se tornou forma política e identitária por seus moradores; popularizou-se e foi adotado pelos saraus, cineclubes, grupos de teatro e rodas de samba. A crítica ao pensamento dominante, hegemônico, era feita diretamente contra a violência e a pobreza. Tais características talvez expliquem a adoção do termo “jornalismo periférico” por parte dos jovens que formam esses arranjos, independentemente do tipo de jornalismo que fazem. Eles trazem como característica a crítica social, a valorização da identidade e a própria experiência social como valores, para compartilhar em seus veículos de comunicação. Ou seja, eles “se sentem periféricos”, no real sentido da palavra.

### **A metodologia da pesquisa**

A metodologia adotada é a pesquisa exploratória. Para Antonio Carlos Gil (2008, p. 27), “as pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”. Para tanto, foi feito um recorte inicial da amostra de jornalistas que compõem a “Rede Jornalistas das Periferias”, grupo formado em 2016, composto por treze coletivos de diferentes áreas da comunicação que juntos reúnem mais de 200 mil seguidores nas redes sociais e alcançam mensalmente uma média de 1 milhão de visualizações. Fazem parte desse grupo os coletivos Alma Preta, Capão News, Casa no Meio do Mundo, Desenrola E Não Me Enrola, DiCampana Foto Coletivo, DoLadoDeCá, Historiorama: Conteúdo&Experiência, Imargem, Mural – Agência de Jornalismo das Periferias, Nós, Mulheres da Periferia, Periferia em Movimento, Periferia Invisível e TV Grajaú. A

---

partir desse recorte, a pesquisa foi dividida para uma combinação de duas técnicas: o instrumento quantitativo (formulário eletrônico) e o qualitativo (roteiro de perguntas abertas).

Nomear o que se quer pesquisar é o primeiro problema, pois enunciar ‘social’, ‘local’, ‘comunitário’ e ou ‘periférico’ requer definir o que se entende por cada um deles. Tendo em vista essa problemática, o primeiro passo para a pesquisa é discutir e conceituar o termo ‘jornalismo periférico’, procurando compreender como está sendo apropriado por diferentes enunciadores e formações discursivas/ideológicas, inclusive com características organizacionais divergentes e diferentes.

Para uma pesquisa exploratória, o primeiro passo foi o procedimento de levantamento bibliográfico sobre a experiência histórica do jornalismo social, local e comunitário e suas mídias. Esse levantamento demanda um olhar histórico local e nacional, para se constatar como, em momentos de transformações tecnológicas e políticas, a prática do jornalismo se organiza, é realizada e renovada. O estudo dessa bibliografia permitirá a criação de parâmetros para se criar categorias e tentar verificar a validade delas frente à outra etapa da pesquisa. Esta diz respeito ao levantamento empírico de jornalistas - organizados em equipes ou de forma individual - que estejam trabalhando em iniciativa voltadas para a periferias.

Esse levantamento foi feito, prioritariamente, na cidade de São Paulo e se deu a partir de alguns critérios de comparação e seleção entre os dados encontrados, sempre se partindo do ponto inicial, ou seja, iniciativas que sejam de jornalistas profissionais. Outros critérios de categorização serão: localidade, público-alvo, tipo de produto jornalístico produzido, entre outros.

A primeira etapa da pesquisa, cujos resultados serão apresentados a seguir, foi realizada entre o segundo semestre de 2017 e o primeiro semestre de 2018, com a aplicação de um formulário online, feito via plataforma *Google Formulários*, para jornalistas que reconhecidamente atuavam nos coletivos que compõem a Rede e, posteriormente, ampliados para outros grupos que se propuseram a participar. Precisamos abrir o questionário para outros coletivos, porque encontramos resistência por parte de algumas lideranças da rede que se recusaram a responder ao questionário. Conseguimos, no total, 17 respostas, que nos ajudarão a nortear a etapa seguinte (em andamento).

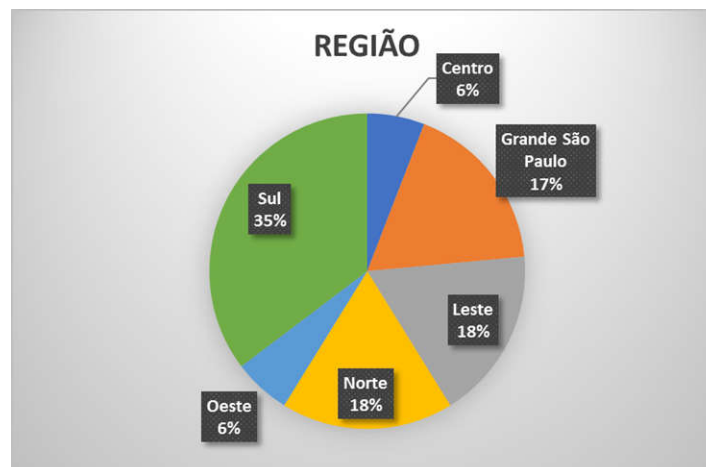
A segunda etapa da pesquisa é a coleta de enunciados dos jornalistas sobre o trabalho deles. Essa coleta está sendo feita por meio de entrevistas com os profissionais e seleção dos materiais jornalísticos produzidos, para a composição de um corpus de análise. A entrevista não só faz parte do cotidiano de pesquisadores e jornalistas, mas também objetiva o inter-relacionamento humano e a troca de informações através de um contato face a face, numa situação de comunicação direta. Fávero e Andrade (2006, pág. 155) classificam a entrevista como uma técnica de interação social, e “por meio dela, busca-se uma interpenetração informativa que visa a quebrar isolamentos sociais, grupais, individuais; pode ainda servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação”. Por meio desses diferentes instrumentos de pesquisa, obteremos material empírico para análise, classificação e categorização. Desse conjunto pretendemos chegar ao pensamento concreto, ou seja, a verificação conceitual e teórica das hipóteses de pesquisa.

### Quem produz a notícia da periferia: resultados iniciais

O formulário online, feito e distribuído via *Plataforma Google*, foi disponibilizado entre o último trimestre de 2017 e o primeiro trimestre de 2018. Foram disponibilizadas no total 22 questões, relacionadas a perfil, histórias de vida e profissão.

Os dezessete jornalistas que responderam às questões pertencem a cinco iniciativas diferentes. São, no total, doze mulheres e cinco homens. A maioria (35%) mora na Zona Sul de São Paulo; os demais dividem-se em proporções quase iguais pelas demais regiões da cidade.

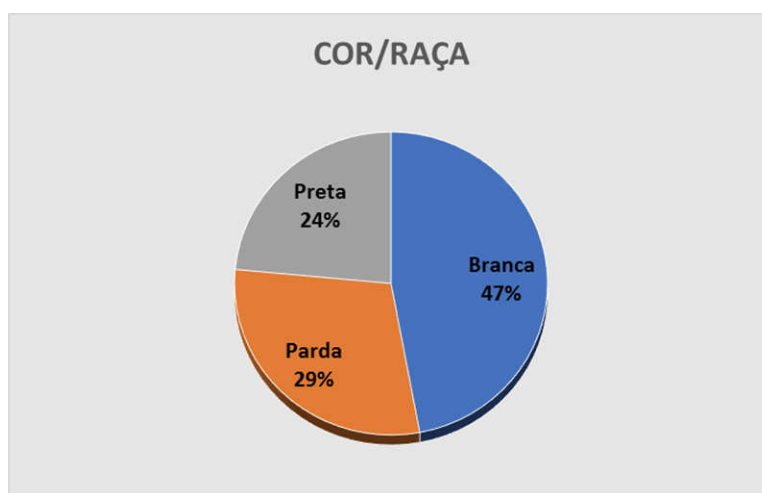
Gráfico 1





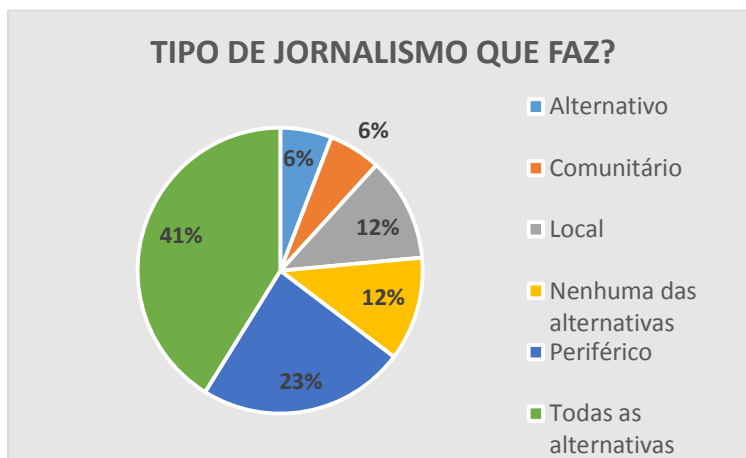
Os jornalistas são jovens em sua maioria. Mais da metade dos respondentes (53%) possui entre 26 e 35 anos de idade; 41% entre 18 e 25 anos e apenas 6% tem mais de 36 anos. Quase todos possuem graduação em jornalismo; apenas dois declararam ter apenas o ensino médio. A maioria cursou o ensino médio na escola pública e fez a graduação em faculdade particular. Em relação ao histórico familiar, onze dos jornalistas declararam já ter na família pessoas que cursaram uma faculdade, o que representa uma preocupação vinda a partir dos familiares em ter um diploma superior. A maioria declarou ser da raça branca, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 2



Em relação ao tempo de atuação no jornalismo, pouco mais da metade dos profissionais (59%) trabalha entre um e cinco anos na área; 35% está entre seis e dez anos atuando na profissão. Ao perguntarmos o tipo de jornalismo que fazem (comunitário, local, periférico, todas as alternativas ou nenhuma das alternativas) as respostas são variadas. Mas a maioria (41%) declara que o tipo de jornalismo que fazem abrange todas essas áreas.

Gráfico 3



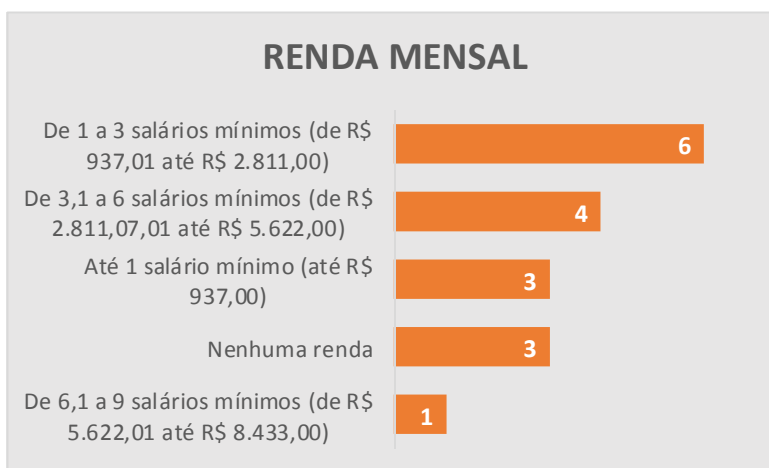
Mais dúvidas surgem na questão a respeito das escolhas por este tipo de jornalismo. A maioria (53%) afirma sempre ter se interessado pela área, mas um número considerável (29%) revela ter ingressado na área por acaso, 12% pela falta de opções e 6% não sabem o motivo. Aos serem questionados sobre o que é o jornalismo em que atuam, a maioria declara ter várias respostas. A maioria declarou todas as alternativas.

Gráfico 4



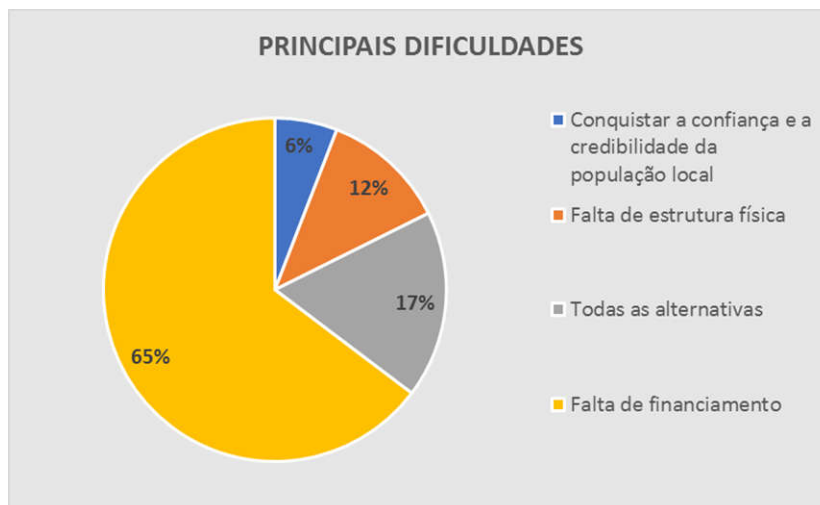
A renda mensal declarada pelos jornalistas que responderam à pesquisa é, no geral, baixa (de um a três salários mínimos), o que revela ainda uma dificuldade em equacionar a relação entre profissão e renda. Três dos jornalistas que responderam à pesquisa declararam não ter renda. Além disso, ao perguntarmos sobre o vínculo que possuem com o arranjo, a maioria se declara voluntária, seguida da opção freelancer. A maioria dos respondentes (70%) se declarou como pertencente a um coletivo; 65% declarou trabalhar até cinco horas por dia.

Gráfico 5



Ao questionarmos se os jornalistas possuem relação com algum movimento social, 71% declara não ter este vínculo. Ao serem questionados sobre as principais dificuldades encontradas pelos jornalistas para atuarem na área, a falta de financiamento se destaca, seguida da falta de estrutura física e de todas as alternativas juntas.

Gráfico 6



Apesar de todos os problemas apresentados, 71% declaram querer continuar trabalhando com jornalismo na periferia, demonstrando apego e afeto pelo que fazem. Ao serem questionados (em uma questão aberta) sobre o que a universidade poderia fazer em relação a essas iniciativas, as respostas foram sobre “abrir espaço e receber esses grupos”; “divulgar entre os alunos”; “reconhecer o jornalismo das periferias como categoria a ser estudada”; “incentivar os alunos a praticar este jornalismo” e “ensinar a não mostrar a periferia de forma estereotipada”, entre outras sugestões.

### **Considerações finais**

Embora o número de respostas não seja o adequado para uma pesquisa quantitativa, os resultados trazem dados reveladores em relação ao perfil dos jornalistas que produzem notícias a partir das periferias de São Paulo. Mostram, por exemplo, que a maioria é do sexo feminino, da raça branca e já possui pessoas graduadas na família, fato que, de certo modo, reproduz o perfil dos jornalistas que trabalham nas redações da grande mídia. A política e o engajamento junto a movimentos sociais não aparecem como prioridade para a maioria. O financiamento e a subsistência do arranjo revelam-se como principais fatores limitadores dessas mídias, que não conseguem alcançar um modelo de negócio que possa abranger sua produção e sustentar os profissionais envolvidos, como se pode observar pela renda declarada. Um dos recursos mais adotados é a inscrição em editais da Prefeitura que visam o fomento de atividades artístico-culturais de grupos e coletivos compostos por jovens e/ou adultos de baixa renda, como o programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI) ou pela Lei de Fomento às Periferias. A falta de estrutura também é visível. Outro fator que se destaca é a incerteza em relação ao próprio jornalismo que produzem. Não se sabe, na verdade, se a busca pelo jornalismo na própria periferia é uma busca ideológica ou uma simples questão de sobrevivência, uma vez que não há emprego para todos. São respostas que pretendemos encontrar no discurso desses jovens (próxima etapa da pesquisa) e processos que valem ser acompanhados e observados de perto.

---

## Referências

- AGUIAR, Sonia. **Territórios do jornalismo**. Geografias da mídia local e regional no Brasil. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.
- ANTUNES, Ricardo. Século XXI: nova era da precarização estrutural do trabalho? In ANTUNES, R.; BRAGA, R. (Orgs.) **Infoproletários**: degradação real do trabalho virtual. São Paulo: Boitempo, 2009
- D'ANDREA, TIARAJÚ PABLO. **A Formação dos Sujeitos Periféricos**: Cultura e Política na Periferia de São Paulo. Tese. Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2013.
- DORNELLES, Beatriz. Características do jornalismo impresso local e suas interfaces com jornais comunitários. **Revista ALCEU** - v.8 - n.16 - p. 159 a 173 - jan./jun, 2008
- FÁVERO, Leonor L e ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. Os processos de representação da imagem pública nas entrevistas. In PRETI, Dino (org.). **Estudos de língua falada: variações e confrontos** et AL. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- FELIX, Carla Baiense; FRAGOSO, Mariana Pitasse; COSTA, Andrew. Entre o comunitário, o popular e o contra hegemônico: limites teóricos e aproximações cotidianas. **Questões Transversais** – Revista de Epistemologias da Comunicação Vol. 5, nº 10, julho-dezembro/2017
- MALERBA, João Paulo. Catarse e contra-hegemonia: contribuições gramscianas para a comunicação comunitária. **Razón y Palabra**, vol. 18, núm. 86, abril-junio, 2014 Instituto Tecnológico y de Estudios Superiores de Monterrey Estado de México, México
- MICK, Jacques. Trabalho jornalístico e convergência digital no Brasil: um mapeamento de novas funções e atividades. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, vol.2, n.1 p. 15-37, Jan/Jun, 2015
- NONATO, Cláudia; PACHI FILHO, Fernando Felício; FIGARO, Roseli. Relações de comunicação em novos arranjos alternativos e modelos de produção da notícia. **LÍBERO**. Revista eletrônica do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. ANO XXI - No 41. JAN. / JUN. 2018
- NONATO, Claudia. Blogs, colaborativismo e crowdfunding: novos arranjos para o livre exercício do jornalismo e a prática da cidadania. Revista **Alterjor**. N. 6, v. 2, 2015.
- PEREIRA, Fábio Henrique e ADGHIRNI, Zélia Leal. O jornalismo em tempo de mudanças estruturais. **Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 38-57, janeiro/junho 2011
- PERUZZO, C. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária. In: **Anuário Unesco/Umesp e Comunicação Regional**, Ano 6, n. 6, jan-dez, São Bernardo do Campo: UMESP/SP, 2002.

---

TANAKA, Giselle M.M. **Periferia: conceitos, práticas e discursos:** práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo. Dissertação (Mestrado)- FAU/USP. São Paulo, 2006.